

Rajiv Gandhi

Uma vida altruísta dedicada às pessoas

Primeira vez que me encontrei com o primeiro-ministro indiano Rajiv Gandhi (1944-91), ele me impressionou por parecer um homem de determinação inabalável, um homem preparado a arriscar a vida por suas convicções.

Seu avô, Jawaharlal Nehru (1889-1964), havia sido o primeiro primeiro-ministro da Índia independente, e sua mãe, Indira Gandhi (1917-84), filha de Nehru, fora a terceira primeira-ministra. O destino da Índia, a maior democracia do mundo, esteve nas mãos dessa família por muitos anos. Desde quando Indira estava com quatro ou cinco anos, toda a sua família juntou-se ao movimento pela independência indiana sob os direcionamentos de Mahatma Gandhi.

Os policiais vistoriavam sua casa constantemente. O pai e o avô de Indira, e posteriormente sua mãe, foram presos. Então, aos vinte e quatro anos, a própria Indira foi presa. Ela passou onze meses em uma cela quente e suja, maltratada pelos seus captores. As autoridades tinham uma atitude particularmente cruel contra as mulheres, pois temiam que o movimento de resistência ganhasse apoio e fosse também difundido entre elas.

Rajiv, filho mais velho de Indira, nasceu um ano após sua libertação. Seu pai, Nehru, ainda na prisão, ficou muito feliz. Ele deu ao menino o nome de Rajiv, que em hindu significa lótus. Fiel ao seu nome, o menino foi uma criança afetuosa, nobre e de coração puro.

Em 29 de janeiro de 1948, Indira visitou Mahatma Gandhi trazendo consigo o menino de 3 anos e meio. Gandhi os cumprimentou de forma calorosa, usando um chapéu de palha bengali. No momento em que Gandhi se agachou, Rajiv brincou com seus pés colocando flores sobre seus dedos.

No dia seguinte, Gandhi foi assassinado com um tiro por um jovem fanático. Posteriormente, Indira escreveu: "Jamais imaginávamos que nunca mais veríamos seu grande e desdentado sorriso, nem teríamos mais o brilho da sua proteção".

Outra coisa que ninguém adivinharia também era que todos os três estavam destinados a se deparar com uma morte violenta pelas mãos de assassinos.

Quando o destino chama

Rajiv Gandhi cresceu e tornou-se piloto da Indian Airlines. Ele adorava a natureza e as artes e não parecia inclinado a seguir carreira política. Em 1968, casou-se com Sonia, uma jovem italiana que conheceu quando estudavam na Universidade de Cambridge. Aparentemente teriam uma vida pacífica e feliz.

Porém, em 1980, o destino deu uma virada repentina e inesperada. O irmão mais novo de Rajiv, um dos deputados do parlamento indiano, morreu em um acidente de avião. A morte de Sanjay, que era o sucessor político de sua mãe, impulsionou Rajiv a ingressar na política.

Quatro anos depois, em 31 de outubro de 1984, a primeira-ministra Indira Gandhi foi morta por seus guarda-costas da seita sikh.

Quando seu último desejo e testamento foram revelados, estava claro que ela previra a possibilidade de uma morte prematura. Indira escreveu: "O ódio não é tão sombrio para obscurecer a amplitude do meu amor pelos indianos e pela Índia; nenhuma força é forte o suficiente para desviar-me do meu propósito e esforço de levar meu país avante". E, como um gesto desse amor, disse: "Preferiria morrer me levantando a viver me curvando".

Após a morte de sua mãe, Rajiv Gandhi era considerado o melhor candidato a primeiro-ministro. Na época, estava com 40 anos. Quando decidiu aceitar o mandato que lhe havia sido passado dessa forma trágica, ele segurou a mão de sua esposa, Sonia, abraçou-a e disse que não tinha escolha. Ele também escreveu em seu testamento que, independentemente do que acontecesse, seu desejo era descansar ao lado de sua esposa por toda a eternidade.

Uma visão acurada

Um homem preparado para morrer não teme nada. O jovem primeiro-ministro lançou seu olhar para o século 21 e iniciou uma série de mudanças. Ele liberalizou a economia e trouxe capital estrangeiro e tecnologia, o que resultou num crescimento econômico considerável. Além disso, restabeleceu a paz com a China e o Paquistão, cujas relações eram tensas. Durante seu mandato, Mikhail Gorbachev tornou-se secretário geral da União Soviética, e o experimento de criar um novo século com uma nova geração de líderes começava a transformar o mundo.

Um ano depois de sua posse, conheci o primeiro-ministro Gandhi durante sua estada como convidado oficial do governo em Tóquio, logo após seu discurso sobre a política no parlamento japonês em 29 de novembro de 1985.

Em seu discurso, ele disse: "Vamos banir as diferenças ideológicas que impedem a nobre visão da família humana unida pela paz e prosperidade. A mensagem de benevolência do Buda é a própria condição da sobrevivência humana em nossa época".

Eu lhe disse que, como budista, concordava plenamente com essa mensagem da Índia. O primeiro-ministro sempre enfatizava sua convicção de que o ethos indiano da não-violência e tolerância seria uma contribuição para o mundo na busca pela paz e pela justiça.

Seu sorriso era caloroso e seus olhos grandes eram expressivos e luminosos. Sua postura era nobre e elegante - ele possuía um carisma extraordinário. Quando falava sobre suas grandes expectativas com relação aos jovens e sobre sua convicção na importância de valorizar o papel das mulheres na sociedade, eu visualizava o brilho do novo século. Fiquei impressionado com as imensas possibilidades que ele vislumbrava.

E então, em maio de 1991, uma tragédia abalou o mundo. Durante uma campanha eleitoral, um homem-bomba assassinou Rajiv Gandhi. Embora ciente do perigo que corria, contrariando todos os seus conselheiros, ele insistia em ficar entre as pessoas.

O tempo parou em toda a Índia. Bandeiras foram hasteadas a meio mastro, enquanto as pessoas, de luto, choravam sua perda. O discípulo direto de Mahatma Gandhi, Dr. B. N. Pande, comentou: "O melhor tributo a Rajiv é forjar a harmonia e a fraternidade entre todas as pessoas e garantir a unidade e a integridade do país".

No ano seguinte, em fevereiro (de 1992), visitei a Índia e depus flores no memorial de Rajiv Gandhi. Também visitei Sonia Gandhi em sua residência.

Não obstante tempestades torrenciais e noites escuras, aquele que resiste às intempéries será agraciado por um deslumbrante amanhecer repleto de felicidade. Quanto maior o sofrimento, mais reluzente será a felicidade no alvorecer. A vida daqueles que sofreram a maior tragédia brilhará com

o maior resplendor. Enquanto falávamos sobre seu marido, compartilhei esse sentimento com Sonia Gandhi.

Rajiv Gandhi devotou-se com toda a sinceridade a seu país até o último momento. De maneira semelhante, podemos decidir se o que determina nossa vida é o destino ou nossa missão. Portanto, o mais importante é a que dedicamos nossa vida. A força ou a fraqueza de nossa determinação é o que faz a diferença entre uma vida à mercê do destino e uma nobre vida que brilha com um propósito.